

Debate da dívida em Cuba é moderado

Havana — A conferência sobre a dívida externa da América Latina convocada pelo presidente de Cuba, Fidel Castro, começou terça-feira à noite em Havana perante uma verdadeira multidão e com um tom geral de moderação. Nada menos que 1.100 personalidades regionais, desde ex-presidentes até modestos religiosos, passando por delegados governamentais e políticos da oposição, lotaram o Palácio de Convenções de Havana no bairro de Miramar. A sessão inaugural durou 2h30. Em princípio, a conferência deve terminar no sábado.

Castro estendeu o seu convite para a atual conferência aos chefes de Estado democráticos da América Latina que, no entanto, não se arriscaram a ir a Havana. "O momento atual não é fácil para nenhum de nós", comentou em "off" com a AFP um diplomata latino-americano, referindo-se a esta ausência coletiva e às negociações empreendidas pelos integrantes do Grupo de Cartagena com os organismos financeiros controlados pelos Estados Unidos. Por sua vez, o Departamento de Estado Norte-Americano não perdeu tempo e anunciou aos países da região que considera a reunião de Havana contrária aos seus interesses.

Apesar disto, os presidentes do Equador, León Febres Cordero, da Bolívia, Hernán Siles Zuazo e da Argentina, Raúl Alfonsín, enviaram representantes pessoais à conferência.

A tese de Castro é que para conseguir do ocidente, especialmente de Washington, melhores condições financeiras de desenvolvimento para a América Latina, deve-se começar por declarar que a dívida externa da região é impossível de ser paga. Vários governos Latino-Americanos rejeitam esta premissa por considerar que, se Castro interviesse, um problema que é estritamente Norte-Sul pode se transformar num conflito Leste-Oeste. Alguns críticos de Fidel na região acusam-no de "trocar os pés pelas mãos" pois — dizem — a grande dívida cubana é com a URSS, não com os Estados Unidos nem com o Ocidente.

Os dois enfoques explicam o discreto vazio em que, nível de governos, caiu a conferência.

Ao contrário, outros analistas consideram que a prudência de muitos governos da região que preferiram não ocupar espaço na conferência têm "Mão dupla", e acham que sem perceber, estão "presenteando" Castro com a possibilidade de cativar outra vez a esquerda Latino-Americana e afirmam que embora entre as figuras da região presentes em Havana haja as de centro e até conservadores, a maioria é militante da esquerda, destacando que se trata de uma esquerda de espectro amplo mas institucional, comedida, nunca extremista.